

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A DICOTOMIA : LÍNGUA ESCRITA X LÍNGUA FALADA

Ensaio monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda como requisito final para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Denise Ibanhes Berquó.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares,
em especial a meu filho e a minha mãe, que
lutou e me incentivou, em minha vida escolar.

Mãe, agradecer seria pouco, por isso espero
que tenha forças para superar obstáculos da vida
e que continue sempre assim: perseverante e
maravilhosa. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, Maria Jane, Lyz Maria, Cida Perez, Hélia Márcia, Claudete Schwaab, Aguinaldo Nantes, D. Cida Valim, Zilcléia, que sempre apoiaram-me nesta árdua batalha.

Aos professores que estiveram sempre presentes e a disposição para sanarem minhas dúvidas, que não foram simplesmente mestres, mas amigos.

Aos demais colegas de classe, que sem eles com certeza não conseguiria êxito algum.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente estiveram presentes nesta etapa de minha vida.

“Toda terra tinha uma só língua e uma só fala.
Eis que o povo é um e todos tem uma só língua;
e isto que eles estão fazendo é o começo; agora
não terão limites para tudo o que eles pretendem
fazer”

(Gênesis 11: 01 – 06)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
LÍNGUA: UMA QUESTÃO SOCIAL, HISTÓRICA E IDEOLÓGICA	09
A DICOTOMIA: LÍNGUA ESCRITA X LÍNGUA FALADA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
BIBLIOGRAFIA	23

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste ensaio monográfico é dialogar com seus leitores. Esse diálogo está voltado para as discussões que objetivam analisar as concepções do uso e do ensino da língua. Acredita-se que é através da pesquisa e do trabalho coletivo que se pode encontrar soluções para inúmeras perguntas.

O interesse pela análise das questões da linguagem no ensino da Língua Portuguesa surgiu no decorrer dos meus estudos no curso de Letras precisamente nas aulas de Lingüística e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. A partir daí, percebe-se que a língua escrita e falada tem formas de produção totalmente distintas.

A questão mais importante neste trabalho é a de criar situações em que professores, alunos e leitores em geral possam refletir sobre a própria língua, construindo aos poucos paradigmas próprios da fala de sua sociedade.

Ao longo do exercício discente verifica-se o modo que a gramática expõe alguns conceitos e exemplos: de forma confusa e fragmentado.

Incomoda o uso da gramática desta maneira, porque essa se bem elaborada e utilizada, é um instrumento de muita eficácia. Então a sociedade escolar deve buscar critérios para mudar o método de se trabalhar gramática na escola e para isso é preciso entender os mecanismos presente na elaboração de conceitos e exemplos nela incluídas adaptando-os da melhor maneira possível.

Assim é que o "corpus" a ser analisado na presente monografia foi direcionado para a "língua: falada e escrita", na qual busca-se entender o que é, como e onde essa se processa. Esse trabalho é um convite à reflexão sobre o exercício em sala de aula, e também um convite a uma reorganização, reestruturação das atividades e alguns conceitos gramaticais. Mas de nada adiantaria essa reflexão se na prática a escola continuar com mesmo processo de ensino.

Acredita-se que tais práticas não mudarão repentinamente, as sugestões de atividades são subsídios a serem refletidas, modificadas e aperfeiçoadas a partir das experiências de cada professor. Essas mudanças ocorrerão pouco a pouco nas práticas cotidianas do professor / aluno que com certeza refletirão na vida de cada um de nós.

Este trabalho foi embasado na teoria da obra “Português ou Brasileiro?” com os escritos de Marcos Bagno, tendo como suporte as obras: “Ensino da Gramática. Opressão? Ou Liberdade?” do conceituado autor Evanildo Bechara, da obra “Sofrendo a Gramática” de Mário Perini e outras citadas na obra.

A partir desse trabalho, verificará se o ensino da gramática realizado na escola, é formulado de forma contextualizada ou se o mesmo é apresentado de maneira solta e fragmentada.

Na busca destes objetivos, deve-se partir para um recorte para análise: o livro didático *Marcha Criança* do FAE doado pelo MEC e utilizado na Escola Estadual “Verena Leite de Brito”, situada em Vila da Santíssima trindade – MT.

A partir deste trabalho, verificará se o ensino da gramática realizado na escola, é formulado de forma contextualizada ou se o mesmo é apresentado de maneira solta e fragmentada.

LÍNGUA: UMA QUESTÃO SOCIAL, HISTÓRICA E IDEOLÓGICA.

A Língua Portuguesa é a língua materna do povo brasileiro, mas mesmo assim, muitas pessoas acham difícil o uso da mesma. Algumas pessoas dizem até mesmo que não sabem falar, ou que falam errado.

Mesmo sendo um fato do dia-a-dia das pessoas, a língua é uma realidade bastante complexa e misteriosa, pois até então, o estudo científico da língua nos deixa muitas perguntas sem respostas.

Embora a maior parte dos brasileiros diga que não sabe a Língua Portuguesa, é possível contradizer essa versão, pois assim como aprendemos a andar e correr aprendemos também a falar, cada um a sua maneira. Isso significa dizer que a Língua é heterogenia, isto é, é impossível que todas as pessoas falem-na da mesma maneira, pois o ato da fala depende do contexto sócio – histórico – ideológico de quem a usa.

Nas palavras de PERINI (2000: 23)

“(...) o termo, “Língua Portuguesa” é bastante ambíguo e se aplica a diversas variedades nitidamente diferenciáveis. Por exemplo, todos podemos distinguir claramente a fala de um brasileiro de Belo Horizonte, da de um português de Lisboa, podemos igualmente distinguir a fala de um indivíduo criado na cidade da de uma pessoa criada no campo” .

Essa variação se dá pela multiplicidade de experiências históricas vividas pelos diversos grupos sociais. Essa diversidade lingüística nos permite valorizar e compreender melhor a pluralidade social, cultural e histórica que legitima a espécie humana.

Segundo PERINI (2000: 25)

“Não existe simplesmente uma variedade “certa”. Cada situação de comunicação (ensaio científico, peça teatral, conversa de botiquim, discurso de formatura, pedido de informações na rua, etc) impõe uma variedade própria que é a “certa” naquela situação”.

Através da fala pode-se perceber que algumas pessoas, geralmente ao falar, utilizam a língua coloquial que se caracteriza pelo emprego de um repertório de palavras muito conhecidas e de domínio do grande público. Já outras dotadas de bons conhecimentos do léxico e das regras gramaticais, fazem uso da língua denominada como “cult”. Essa diferença de nível da língua é que chama-se de diglossia. No entanto, em hipótese alguma pode-se dizer que as diferentes formas verbais são intrinsecamente “certas” ou “erradas”. Assim, cabe à escola, ao ensinar a língua Portuguesa, trabalhar com o aluno esse fator, fazendo com que ele possa identificar variedades no uso da língua e reconheça os seus valores, pois esse trabalho proporcionará ao aluno melhor conhecimento das diversas variedades correntes na língua, sem coibir o uso de nenhuma delas.

De acordo com PÊCHEUX (1988: 160)

“(…) as palavras, expressões, preposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (nos em tudo mais acima) nas quais essas posições se inscrevem”.

Mediante ao exposto, nota-se que os sentidos das palavras não existem em si mesmas, e sim, em todo contexto ideológico. Portanto, não se deve trabalhar o ensino da gramática desarticulada das práticas de linguagem; não se deve trabalhar gramática de forma fragmentada.

DICOTOMIA: LÍNGUA ESCRITA X LÍNGUA FALADA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

A Língua Portuguesa pode ser utilizada de forma falada ou escrita. A língua falada é utilizada tão naturalmente que muitas vezes nem percebe-se que sua característica é um sistema de sinais bastante complexo, que nos permite transmitir qualquer idéia ou pensamento. Ela é um instrumento de muita eficácia, pois permite que a mensagem falada seja breve permitindo o emprego de elementos prosódicos (entonação, pausa, ritmo) e gestos que enfatizam o significado dos vocábulos. Já a língua escrita, apresenta muito mais limitações do que a língua falada seja pela natureza complexa do objeto, seja pelas limitações das regras gramaticais com suas especificidades.

Na fala de BAGNO (2000: 188)

“Podemos, sim, mostrar que há duas formas em uso, em concorrência, e que cada uma delas tem um valor diferente. Não valor lingüístico, porque são duas construções gramaticais perfeitamente lógicas e coerentes. Mas um valor social determinado pelo tipo de sociedade em que vivemos”.

Esses atos (fala X escrita) são dois sistemas diferentes, é por isso que cada um possui suas normas, existindo entre eles uma diferença gramatical. Essa diferença é uma das dificuldades que os alunos têm encontrado no ensino aprendizagem da leitura e da escrita.

Atualmente há uma grande preocupação com o ensino da Língua Portuguesa, pois grande parte dos estudantes brasileiros tem encontrado muita dificuldade em expressar-se através da fala e principalmente da escrita.

Diante dessas dificuldades encontradas pelos alunos cabe-nos questionar de que maneira solucionar esse problema? Seria a metodologia de ensino da gramática

aplicada pelas escolas que não tem contribuído para o desenvolvimento de tais habilidades?

De acordo com PERINI (2000: 49)

“(...) o ensino da gramática têm três defeitos que o inutilizam enquanto disciplina: primeiro seus objetivos estão mal colocadas, segundo a metodologia adotada é seriamente inadequada, e terceiro, a própria matéria carece de organização lógica”.

Nota-se que, um dos problemas está relacionado com a maneira que a gramática se apresenta na maioria dos livros didáticos e no ensino escolar, por ela estar um pouco desatualizada. Segundo Dias (2001: 2) “a gramática tradicional falha porque seus autores não estão sabendo descrever corretamente os fatos da língua”. Ela separa totalmente a língua falada da língua escrita, valorizando exclusivamente a escrita, sendo que, na maior parte das nossas atividades diárias ou até mesmo na sua totalidade, fazemos uso somente da língua falada.

Estudos mostram que ao se dedicar somente à língua escrita, a gramática tradicional vem causando grande transtorno na vida dos brasileiros, porque ela impõe às pessoas as normas de como se devem falar e escrever idealizando uma forma de língua ultrapassada, que não corresponde a nossa necessidade e principalmente a nossa realidade. Mediante a isso, ao invés de estimular o desenvolvimento lingüístico do aluno acaba por bloqueá-lo. Cabe aos gramáticos, professores, pesquisadores e alunos a tarefa de repensar e reformular a gramática tradicional, tornando-a um objeto de estudo coeso a fim de proporcionar aos usuários da Língua Portuguesa condições de compreender melhor o processo da mesma.

No entanto, BECHARA (1991: 58) nos afirma esse ato quando diz que

“(...) falando do conceito de flexão declara acerca da gramática tradicional: Se bem explicada e precisamente formulada, a abordagem tradicional é pelo menos tão boa quanto qualquer outra alternativa que tenha sido até agora apresentada” .

Já foi comprovando pela Sociolinguística que toda língua é flexível. Essas mudanças e variações acontecem com o tempo, o espaço e de acordo com a situação social do falante. No entanto, não pode-se exigir, que todos os falantes façam uso de um tipo único de normas e repertório porque o uso da língua ocorre de acordo com a situação vivida. Isso faz do falante um “poliglota” em sua própria língua.

Saber a gramática de uma língua, é um processo natural, pois se adquire espontaneamente. Saber a ortografia dessa língua é um ato mecânico e artificial, uma vez que essa é “aprendida” através de treinamento. Ao analisar ao mesmo tempo um enunciado falado por um gaúcho e um cuiabano, percebe-se muitas diferenças nas pronúncias, pois cada um falará de sua maneira, mas se representassem de forma escrita, não teria diferença alguma, pois a ortografia não sofre variações, visto que a escrita é homogênea e convencionada.

O termo língua tem muitas conotações. Preliminarmente, pode-se entender que saber uma língua é ter assegurado o direito de se comunicar fazendo uso de uma língua “diferente” daquelas impostas pela gramática, o que por sua vez, só é possível quando o falante faz uso de regras gramaticais internalizadas. Existem outras definições que não possuem o mesmo sentido que lhe são atribuídas pela sociolinguística, na qual a noção vincula-se que saber uma língua é ter o domínio das regras da gramática tradicional.

Observa-se que a diferença existente na língua falada e língua escrita é que, a primeira nos proporciona um conhecimento implícito, ou seja, não é um conhecimento adquirido nas escolas, e sim de forma espontânea assim como muitas outras habilidades do ser humano, enquanto a segunda é adquirido através de estudos gramaticais; é um conhecimento explícito.

A língua falada é um ato tão natural, que qualquer pessoa (escolarizada ou não) consegue fazer uso da mesma. A assimilação da gramática dela acontece desde os primeiros anos de vida do ser humano, vemos que é um processo tão espontâneo, ou seja, sem necessidade de ir à escola para adquiri-lo. Os paradigmas tradicionais da gramática têm feito uma fragmentação na língua, dividindo o máximo possível, aquilo que, na verdade existe em sua totalidade. Eles apresentam a língua escrita e falada de formas estanques, desarticuladas e afastadas em seus objetivos e propósitos.

A gramática, ao contrário da sociolinguística, se sustenta na concepção de que a língua escrita com suas regras gramaticais objetivam capacitar os ser humanos para o uso “perfeito” da manifestação da língua. A gramática concebe a escrita como totalidade e a fala como um simples ato do dia – a – dia das pessoas.

CHARLIER (1981: 34) se opõe a essa versão:

“(...) que não se deve partir da língua escrita para descrever a língua falada. Se um sistema é primeiro em relação ao outro, é seguramente o da língua falada, visto que muitas são as línguas existentes não dotadas de um sistema escrito. De preferência se considera hoje a língua escrita como um sistema de transcrição, como uma representação por outro meio, da língua ora”.

Isto posto, significa dizer que é através da língua falada que o ser humano constrói a sua história e identidade e a língua escrita por sua vez, é uma forma diferente de uso da língua que permite registrar por mais tempo esses fatos.

Nas palavras de POSSENTI (2000: 28)

“O que há, também neste caso, são diferenças (aliás, nem tantas quanto às vezes se pensa). As diferenças mais importantes entre os dialetos estão menos ligadas à variação dos recursos gramaticais e mais à avaliação social que uma sociedade faz dos dialetos. Tal avaliação passa, em geral pelo valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto. Ou seja: quanto menor valor (prestígio) têm os falantes na escala social menos valor tem o dialeto que falam”.

Cada grupo social possui uma diversidade de códigos ou símbolos em suas práticas cotidianas e esses serão utilizados de maneira que mais se adequem a cada grupo e a cada situação. No entanto a escola tem como função, mudar a concepção de língua como conjunto de regras homogêneas, imposta através de um conjunto de normas tradicionais que considera como “mais culto da língua”, aquela que se adequa a essas regras. No entanto não existe língua certa ou errada, mas falantes, que, em momentos e contextos diferentes, se interagem com linguagens diferentes permitindo a perfeita interlocução entre os homens.

Saber gramática não depende somente do processo de aprendizagem, mas também da ativação e amadurecimento progressivo de hipóteses de que seja a linguagem, seus princípios e regras.

Os problemas do ensino da gramática no ensino da Língua Portuguesa se intensificou depois de constantes críticas das teorias da gramática tradicional. Essas críticas têm deixado os professores angustiados sem saber o que fazer em sala de aula. Muitas vezes se sentem “perdidos” e acabam não contribuindo muito nos estudos dos alunos no que diz respeito ao estudo da gramática.

Torna-se de fundamental importância recuperar os referenciais já discutidos sobre a gramática, rever conceitos que ela nos apresenta, porque o mais importante não é o conhecimento dado, pronto e sistematizado. O essencial é a capacidade que os aprendizes têm em produzir e significar a partir desse conhecimento.

Não se quer aqui dizer que os conteúdos da gramática são extremamente “errados”. O que há é um novo modo de compreender seus conceitos, uma vez que Marcos Bagno (2000: 58) nos atenta para tais estratégias:

“Em vez de reproduzir um conjunto de idéias prontas, de dogmas e preconceitos sem reflexões sobre eles, a escola deve colaborar para

que o aluno possa produzir o seu próprio conhecimento. E como isso é possível? Com uma única ferramenta: a pesquisa”.

Nota-se que a escola deve desenvolver no aluno capacidade de compreender o processo da língua, e não transformá-lo num ser repetidor de símbolos ou regras gramaticais. Deve formar falantes escritores capazes de desenvolver suas competências lingüísticas.

Isso não significa que não se deve ensinar gramática nas escolas, ela deve ser ensinada de forma contextualizada, na perspectiva de interação sujeito-objeto com função de suprir as necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, fala e escrita.

Marcos Bagno em sua obra “Português ou Brasileiro”, (2000:22), relata que, o que é preciso, sim, é deixar de ver a gramática tradicional como uma doutrina “sagrada” e “infalível” para que os estudos gramaticais possam voltar ao seu lugar de origem: o da investigação do fenômeno da linguagem, ou da tentativa de compreender a relação entre língua e pensamento.

A maior parte do tempo e do esforço gasto por professores e alunos durante o ensino da Língua Portuguesa serve para aprender a metalinguagem de análise da língua. “Uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia”. (PCN, 1997: 29).

Entretanto, uma coisa é saber a língua, dominar as habilidades de seu uso em situações concretas, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre as diversas formas de expressão. Outra é saber analisá-la enquanto conceitos e metalinguagem. Por isso, que ao ensinar a gramática na escola, não deve-se trabalhá-la de forma estanque, porém procurar classificar as palavras de acordo com o enunciado; observando os fatos.

Ao analisar as definições de substantivos e adjetivos definidas pela gramática, percebe-se claramente a afirmação feita no parágrafo acima:

Segundo a obra Nova Gramática do Português Contemporâneo, substantivos é nome de coisas, e os adjetivos expressam qualidades. Analisando os enunciados:

- Uma palavra **amiga**. (qualidade)
- Uma **amiga** sincera. (nome de coisa)

Agora cabe nos perguntar: será que podemos seguir todas as definições oferecidas pelas gramáticas? Será que as gramáticas nos oferecem todos as definições precisas sobre a língua? Podemos trabalhar a gramática de forma fragmentada, descontextualizada?

Pode-se perceber que o sentido das palavras não existem em si mesma e sim dentro de um contexto.

Deve-se ressaltar que assim como todas as ciências vivem em constantes pesquisas e aperfeiçoamentos, a ciência da língua não pode ser diferente, uma vez que a nossa gramática, também tem seus mistérios.

De acordo com PERINI (2000: 85)

“Para quem gosta de certezas e seguranças tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas idéias, novas teorias, novas análises, novas cabeças”.

Verifica-se que a escola além de transmitir alguns conhecimentos instrumentais para os alunos, tem outra função importantíssima que é ajudá-los a produzir seus conhecimentos que por sua vez só serão possíveis com a pesquisa.

De acordo com o PCN (1998: 29)

“Não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulada das práticas de linguagem. É o caso por exemplo da gramática ensinada de forma desarticulada tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente

escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da língua para metalingua por meio de exemplificação exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia”

Nota-se que a aplicação da linguagem não deve se ater apenas ao ensino sistematizado da gramática, mas em uma reflexão sobre a própria linguagem.

O livro estudado para o levantamento de dados “Marcha Criança” usado na Escola Estadual “Verena Leite de Brito”, traz seus exercícios de forma fragmentada do tipo:

1- Copie e escreva o plural do seguinte substantivos. Veja os modelos:

O anel – Os anéis

O pires – Os pires

O pastel

O lápis

O lugar

A cor

O farol

O mar

O ônibus

A flor

O mamão – Os mamões

O pão – Os Pães

O avião

O capitão

A região

O alemão

A oração

O tabelião

O cidadão

O grão

2 – Copie e dê o plural dos substantivos compostos, seguindo os modelos:

tenente – coronel = tenentes – coronéis

couve – flor

porco - espinho

mestre – escola

livre - docente

cirurgião – dentista

surdo - mudo

batata – doce = batatas –doces

amor – perfeito

água - marinha

guarda – noturno

guarda - civil

obra – prima

cartão - postal

pé – de – cabra = pés – de – cabra

pé – de – moleque

pão – de - ló

flor- de – maio

mula – sem - cabeça

cabeça –de – negro

cara –de pau

3 – copie e dê o aumentativo das seguintes palavras:

barba

mão

casa

dente

muro

barriga

sala

chapéu

Os professores precisam ter clara consciência ter o domínio efetivo de uma língua, não é necessário ter o domínio de uma metalinguagem técnica. É preciso também trabalhar a gramática na perspectiva de ajudar na compreensão do processo da língua sendo que esta funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa.

Percebe-se que os livros didáticos utilizados nas escolas nas aulas de Língua Portuguesa, não oferecem atividades que proporcionem ao aluno tal mecanismo (compreensão do processo da língua), mas exercícios repetitivos levando o aluno

apenas a decorar a matéria, não estimulando o mesmo a refletir, a ter um entendimento sobre o que está sendo apresentado a ele.

De acordo com PERINI (2000: 55 – 56)

“Estudar gramática traz algum conhecimento da linguagem, esse maravilhoso complexo mecanismo que lhe permite comunicar-se com seus semelhantes. Em uma palavra, deve-se estudar gramática para saber sobre o mundo, não para aplicá-la a solução de problemas práticos tais como ler ou escrever melhor”.

O livro didático trabalha conceito de sinônimo solto, para se dar o significado das palavras como:

“ Dê o significado de:

- a) anti – republicano
- b) anticonjugal
- c) anti – higiênico
- d) antinatural”

Dependendo do contexto em que a palavra esteja inserida o significado pode ser diferente. Por isto a importância de se trabalhar o contexto. Esses exercícios propostos no livro didático não têm clareza.

Segundo Perini, o gramático vai precisar dizer o que a língua é, não o que (segundo ele) deveria ser.

Existe um paradoxo da gramática natural com a artificial na vida do indivíduo. A gramática artificial só é válida enquanto reprodução da gramática natural. Até hoje nenhuma cópia ou reprodução clara e completa foi elaborada da gramática natural. Isso quer dizer que sabe-se mais da língua do que se consegue falar ou escrever sobre ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o importante não é somente o que o ser humano domina da regra do processo da escrita ou seja, das regras gramaticais, mas a capacidade de se comunicar em diferentes circunstâncias, a fim de transmitir seu pensamento, seu desejo, sua imaginação, suas perguntas e respostas, seu conhecimento de mundo; bem como entender o mundo que o cerca de maneira crítica e dialógica, dentro do seu contexto histórico-cultural.

Essa é perspectiva da sociolingüística que respeitando a individualidade de cada sujeito falante, permite que cada qual faça uso de um repertório próprio, mas valorizando a sua totalidade. O processo língua escrita não deve ser apresentada de maneira estanque, mas em consonância com o processo língua falada, uma vez que a fala é o objeto mais utilizado no dia-a-dia do ser humano, fruto da cultura compartilhada com a sociedade.

Acredita-se que a aula Língua Portuguesa deve ser o espaço na qual se objetiva o desenvolvimento da capacidade intelectual e lingüística do aluno, dando-lhe condições para desenvoltura de sua competência discursiva. O ensino aprendizagem de diferentes níveis da fala e escrita não têm como função levar o aluno a falar "correto", mas saber adequar os recursos expressivos, a variedade da língua à diversas situações comunicativas, levando em consideração o contexto e os interlocutores a quem o enunciado se destina.

Nota-se que fala e escrita são dois processos distintos, mas que não podem ser trabalhados nas escolas separados, pois um completa o outro.

O livro didático prima pelos exercícios que valorizam a questão da metalingüística, ignorando totalmente o processo da língua, que é um dos requisitos fundamental na comunicação verbal. No entanto esses livros devem proporcionar

atividades que trabalhem a questão da morfossintaxe, semântica e pragmática simultaneamente. Esse trabalho proporcionará ao aluno condições de falar e escrever com coesão e coerência, e melhor que isso, com significação para cada um.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro. Português ou Brasileiro?*. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. *A língua de Eulália: Novelas Sociolingüísticas*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BECHARA. Evanildo. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

CHARLIER, Françoise Dubois. *Bases de análise lingüística*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

MARSICO, Maria Teresa. *Marcha Criança*. São Paulo: Scipione, 1995.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Estado de Educação Fundamental. Brasília, 1998

PERINI, Mário A. *Sofrendo a Gramática*. 3 ed. São Paulo: Ática, 200.

_____. *Gramática Descritiva do Português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

